

Publicado no jornal "A Federação", de Itu, no dia 4 de setembro e lido na sessão da Academia Campinense do dia 6.

Com o abraço amigo de

Cláudio

Glorioso Centenário

Odilon Nogueira de Matos

Esta é a quarta vez, em poucos menos de vinte anos, que tenho a oportunidade (diria mesmo o privilégio) de escrever a propósito do centenário de alguém que, mercê de Deus, ainda está vivo para a alegria de todos nós. O primeiro foi o General Raul Silveira de Melo, ilustre historiador militar; o segundo foi o Coronel Waldomiro Vasconcelos Ferreira, meu preclaro confrade da Academia Campinense de Letras; o terceiro, Barbosa Lima Sobrinho, da Academia Brasileira de Letras e presidente da Associação Brasileira de Imprensa; e agora, ocorre-me o júbilo de registrar mais um centenário "vivo" na pessoa de Celso Maria de Mello Pupo, figura altamente expressiva da cidade de Campinas, meu nobre confrade em duas Academias e em três Institutos Históricos, renomado historiador da cidade e também vinculado a Itu por laços familiares.

Nascido em São Vicente a 5 de agosto de 1899, veio ainda muito jovem para Campinas, onde vive até hoje, com assinalados serviços prestados à cidade, nos mais variados setores - social, cultural, filantrópico - fazendo jus à cidadania honorária, que lhe foi atribuída pela Câmara Municipal.

O fato de não ter nascido em Campinas em nada diminuiu seu campineirismo e o traço mais significativo deste seu sentimento está expresso no interesse que sempre demonstrou pela história da cidade, da qual se tornou um dos seus maiores cultores.

Ao estudar o passado campineiro, fê-lo não apenas como pesquisador frio e excessivamente preso à linguagem dos documentos, mas, e sem naturalmente desprezá-la, também com alma e coração. Seus dois livros - "Campinas, seu berço e juventude", de 1970, e "Campinas, um município no Império", de 1983, -

são marcos significativos não apenas da historiografia campineira, mas da própria historiografia nacional. Já foi dito - e por mais de uma vez - que a história de Campinas pode ser dividida em duas fases: antes e depois dos livros de Celso Maria de Mello Pupo.

Do segundo, pode-se dizer tratar-se de uma das mais belas edições realizadas no Brasil. Mas, erraria quem visse em seu livro apenas a apresentação material. Esta, por importante que seja, não deveria ofuscar a enorme tarefa de pesquisa a que se abalançou o autor ao estudar o cotidiano campineiro do século passado, como pertinentemente observou a Professora Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci. Tarefa das mais difíceis, pois além do espírito de pesquisa, do critério no tratamento das fontes, do exame cuidadoso da documentação ilustrativa, do discernimento na apreciação dos valores, exige requinte, bom gosto e sensibilidade. E tudo isso o autor demonstrou possuir.

A esses dois livros, acrescentem-se o documentadíssimo estudo sobre a "primeira luta política", em Campinas do século XVIII, incluída na "Monografia histórica de Campinas" (publicação do IBGE, de 1952), o elogio histórico de Paulo Álvares Lobo, seu patrono na Academia Campinense de Letras, um trabalho valioso sobre Almeida Nogueira, na "Revista do Arquivo Municipal", e uma variada colaboração em outras publicações culturais e na imprensa local, quase sempre abordando temas da história campineira.

Infelizmente, permanece ainda inédito um livro, para o qual tive a honra de escrever o prefácio, que viria preencher sensível lacuna na historiografia musical de nosso país: a biografia do compositor ituanense, Elias Lobo.